

RESENHA

**MALUF, SÔNIA WEIDNER; FRANCH, MÔNICA; SILVA, LUZIANA M. DA
FONSECA; CARNEIRO, ROSAMARIA GIATTI; SILVA, ÉRICA QUINAGLIA.
ANTROPOLOGIAS DE UMA PANDEMIA: POLÍTICAS LOCAIS, ESTADO,
SABERES E CIÊNCIA DA COVID-19. FLORIANÓPOLIS: EDIÇÕES DO BOSQUE,
2024. 467 P.**

***Desde a antropologia: olhares e desafios sobre experiências e
conhecimentos durante a pandemia da Covid-19***

Heytor de Queiroz Marques
Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal da Paraíba
E-mail: heytorqueiroz@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01814, p. 1-6

ISSN 2447-9837



Quando Sônia Maluf (2020) nos alertou para os desafios que a “urgência etnográfica em torno da pandemia” trazia para as ciências humanas, estava a encorajar a reflexão antropológica acerca da experiência existencial e científica da crise sanitária como expressão das diferenças e desigualdades sociais que forjam os humanos em sociedades. Apesar do contexto político e científico contrário no Brasil, a sensibilidade antropológica foi exercida em sua plenitude, expondo as mazelas que transformaram a pandemia numa sindemia (Franch; Maluf; Simões; Fleischer, 2022) e tantos outros sofrimentos que daí resultaram e que vão repercutir por muitas décadas e gerações em famílias em torno do mundo e no Brasil.

A produção acadêmica sobre a pandemia é exponencial, mas algumas obras se destacam. É o caso da publicação intitulada *Antropologias de uma pandemia: políticas locais, Estado, saberes e ciência na COVID-19*, recentemente trazida ao público. Trata-se de uma coletânea que nos apresenta diferentes ângulos de um fenômeno complexo nas relações entre os humanos, entre humanos e não humanos, assim por diante.

O brilhante livro foi publicado no ano de 2024, pela editora Edições do Bosque e organizado por Sônia Weidner Maluf (UFSC/UFPB), Mónica Franch (UFPB) Luziana M. da Fonseca Silva (UFPB), Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) e Érica Quinaglia Silva (UnB) e reúne diversos artigos em torno de um eixo, o fazer antropológico, praticado durante a crise sanitária da Covid-19. As diferentes perspectivas e olhares locais dos grupos de pesquisadores e pesquisadoras que integram a Rede Antropo-Covid são apresentados constituindo um mosaico de experiências antropológicas e de vida, quando pesquisadores e seus interlocutores tinham a ameaça do sars-cov-2.

O livro é dividido nas seguintes sessões: Apresentação, Experiências, Narrativas e Micropolíticas, Políticas Públicas, Serviços e Instituições, Ciências, Saberes e Técnicas e Sobre os(as) Autores(as). São 18 capítulos escritos por trinta e um autores e autoras, além das seis organizadoras que nos oferecem uma reflexão sobre a antropologia e o conteúdo do livro.

A pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, trouxe à tona a relevância das ciências sociais na análise e compreensão dos impactos socioculturais de crises sanitárias globais. A Rede Antropo-Covid foi uma iniciativa de pesquisa colaborativa e multicêntrica formada por pesquisadores e pesquisadoras de diversas universidades brasileiras (Universidade Federal do Amazonas, Universidade de Brasília, Universidade Estadual do Centro Oeste-Paraná, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal da



Paraíba, Universidade Federal de Santa Catarina).

O projeto destacou-se por sua abordagem antropológica na investigação das consequências da pandemia no Brasil. O enfoque central consistia em compreender as experiências locais, explorando a antropologia como ferramenta analítica para o entendimento das dinâmicas sociais em tempos de crise.

A multiplicidade de temas explorados no livro trazem à baila a relevância da interlocução da antropologia com outros campos disciplinares, fortalecendo uma abordagem multidisciplinar, especialmente quando se trata de enfrentar os novos e velhos desafios decorrentes daquela conjuntura ou evento crítico, podemos assim dizer. No livro, a experiência pandêmica está emaranhada em condições estruturais de vida, tais como: desigualdade social, de gênero, violência, acesso a saúde, acesso à educação e vários outros agravados por um governo federal negligente. As ciências sociais, com destaque para a antropologia, foram apropriadas para identificar e analisar os impactos que ultrapassaram o campo da saúde, atingindo aspectos do cotidiano tornados flagrantes nas afetações e na mortandade resultante da pandemia.

Neste cenário, a Rede Antropo-Covid destacou-se ao fornecer *insights* empíricos que contribuíram para a formulação de respostas imediatas e diretrizes de longo prazo. A análise dessas dinâmicas revelou a importância de se considerar o contexto social e cultural na formulação de políticas públicas mais eficazes e inclusivas.

O livro põe em evidência que um dos maiores desafios enfrentados pelas/os pesquisadoras/es foi a adaptação dos métodos de pesquisa antropológica diante das restrições impostas pela pandemia. A pesquisa etnográfica, tradicionalmente baseada em contatos face a face, precisou ser repensada para se adequar a um contexto de distanciamento social. Desta forma, o olhar sensível e crítico do etnógrafo foi estratégico para adoção de modalidades de aproximação, o que possibilitou enxergar a partir da janela (Maluf, 2021).

O trabalho realizado pela rede explorou o uso de tecnologias digitais, como as redes sociais e aplicativos de reuniões, para realizar entrevistas e observações, demonstrando a capacidade de adaptação da disciplina e a inovação metodológica necessária para continuar a produzir conhecimento em tempos de crise. Essa experiência evidenciou a flexibilidade e a criatividade da antropologia ao adaptar suas práticas de pesquisa para contextos adversos.

O livro *Antropologias de uma Pandemia* nos convida a pensar sobre como a pandemia acentuou as desigualdades de gênero, sobrecarregando as mulheres com



responsabilidades de cuidado tanto em casa quanto no trabalho. A divisão sexual do trabalho se mantém e é evidenciada, destacando que as mulheres foram direcionadas para a esfera reprodutiva (tarefas domésticas e cuidado), enquanto os homens ficaram predominantemente na esfera produtiva, com funções de maior valor social. Esse fenômeno intensificou a sobrecarga de trabalho para as mulheres, especialmente para aquelas que acumulavam funções domésticas e profissionais no contexto de isolamento social.

Um outro tema destacado foi o impacto na saúde mental da população em geral, enfatizando o aumento do número de casos de ansiedade, depressão e suicídio durante a pandemia, o capítulo chama a atenção para a necessidade de respostas institucionais ampliadas e questiona a tendência de medicalização excessiva desses problemas. Situações de sofrimento social são relatadas, tal como o exemplo de um amigo amarrando outro para evitar a internação em um hospital psiquiátrico, e que ilustram a urgência de desconstruir a lógica manicomial e fortalecer os serviços comunitários de saúde mental, como os CAPS - Centros de Atenção Psicossocial.

Destaco ainda, a importância do agenciamento social e da organização coletiva para enfrentar o momento de pandemia que vivíamos. Em comunidades como a Tupinambá de Olivença mobilizaram-se para criar estratégias de cuidado e proteção, demonstrando a importância do trabalho em comunidade em tempos extremos. A luta pela demarcação e reconhecimento de terras e o acesso a serviços de saúde mental são demandas presentes nas falas das lideranças indígenas, que associam a devastação territorial ao aumento de problemas como depressão, suicídio e diversos outros problemas de saúde pública.

A correlação entre saúde e espiritualidade também é explorada e palpável nesse momento em que a morte é recorrente e abundante. Para muitas pessoas, a fé e a religiosidade serviram como fontes de apoio e resiliência durante a pandemia. Relatos de indivíduos que se apoiaram na espiritualidade para enfrentar o medo e o sofrimento ilustram a importância desse aspecto na experiência da pandemia, reforçando a necessidade de considerar a religiosidade como um fator significativo no enfrentamento de crises de saúde.

Além disso, o livro traz também a análise crítica sobre a gestão da pandemia no sistema prisional brasileiro, evidenciando as violações de direitos e o aumento da vulnerabilidade dos detentos. A suspensão de visitas, o acesso restrito à saúde e a precariedade das condições de higiene são mencionados das preventivas e a falta de



testagem em massa nos presídios.

A obra também se debruça sobre as potencialidades de narrativas individuais para narrar a complexidade da experiência da pandemia. A crise afetou as relações familiares e afetivas, a saúde mental e as perspectivas de futuro, variando conforme as particularidades de cada pessoa. Essa diversidade de respostas e estratégias de adaptação reforça a importância de se considerar a subjetividade quando se trata do enfrentamento da crise, considerando as condições de vida social e existencial.

A experiência da Rede Antropo-Covid destacou a importância da antropologia na compreensão das complexas realidades sociais durante a pandemia de Covid-19. Por meio das etnografias e adaptações metodológicas necessárias, a rede produziu um conhecimento valioso sobre os impactos da crise sanitária, oferecendo *insights* cruciais para a formulação de políticas públicas e o enfrentamento das desigualdades sociais.

A iniciativa apresentada a partir de um modelo de pesquisa colaborativa em contextos de crise, demonstrando o potencial da antropologia para fornecer respostas analíticas e empíricas a desafios sociais emergentes. O legado da Rede Antropo-Covid estabeleceu uma base sólida para futuras pesquisas que busquem compreender e mitigar os efeitos de crises semelhantes, evidenciando a contribuição essencial das ciências sociais para o bem-estar e a justiça social.

Composta por pesquisadores de seis universidades brasileiras, a Rede Antropo-Covid adotou uma ampla variedade de enfoques, abordagens e metodologias, refletindo a diversidade que a antropologia proporciona enquanto ciência. Os diferentes trabalhos desenvolvidos pela rede abordaram questões que vão, desde a saúde mental e políticas públicas até aspectos relacionados a gênero, raça e classe. Essa diversidade de perspectivas permitiu uma análise abrangente e profunda das múltiplas dimensões da pandemia, reforçando a ideia de que é necessário pensar em “antropologias” da pandemia, ou seja, em múltiplas abordagens que considerem as especificidades dos diferentes contextos sociais e culturais. Que os registros científicos e antropológicos dessa experiência possam contribuir para o entendimento histórico, social, político e sanitário de como devemos pensar o humano e não-humano nas relações de vida social e ambiental.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Franch, Mónica; Maluf, Sônia W.; Simões, Mariana; Fleischer, Soraya. Dossiê Etnografias de uma sindemia: a Covid-19 e suas interações. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, Número 14, 2022, e01402, p. 1 -10.

Maluf, Sônia. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. TOMO. N. 38 JAN./JUN. | 2021.

Maluf, Sônia W. *Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia*. Conferência proferida como Aula Inaugural junto ao PPGAS/UFAL, 2020. Disponível em: <https://brasilplural.paginas.ufsc.br/antropologia-na-pandemia/antropologia-em-tempo-real-urgencias-etnograficas-na-pandemia/>

